

CARTAS AO GOVERNO BOLSONARO: A INFLUÊNCIA DO DISCURSO POLÍTICO NA CONSTRUÇÃO DOS DELÍRIOS

LETTERS TO THE BOLSONARO GOVERNMENT: THE INFLUENCE OF POLITICAL DISCOURSE IN THE CONSTRUCTION OF DELUSIONS

Recebido em: 07/03/2024

Reenviado em: 09/08/2024

Aceito em: 20/08/2024

Publicado em: 26/09/2024

Felipe Cittolin Abal¹ 
Universidade de Passo Fundo

Resumo: O artigo analisa correspondências enviadas ao presidente Bolsonaro e membros de seu governo, encontradas no Sistema Eletrônico de Informações do ministério da economia, realizando uma intersecção entre a história e a psicanálise. Nas cartas estudadas é possível verificar a presença de delírios por parte dos remetentes, portanto busca-se traçar um paralelo entre os delírios e o momento histórico, político, econômico e social da época em que as correspondências foram redigidas. Ao fim, é possível concluir que a realidade externa acaba por ingressar nos delírios dos remetentes, tornando-os um reflexo do período histórico.

Palavras-chave: Correspondências; Delírios; História; Governo Bolsonaro; Psicanálise.

Abstract: The article analyzes correspondence sent to President Bolsonaro and members of his government, found in the Electronic Information System of the Ministry of Economy, making an intersection between history and psychoanalysis. In the letters studied, it is possible to verify the presence of delusions on the part of the senders, so we seek to draw a parallel between the delusions and the historical, political, economic and social moment of the time in which the correspondences were written. In the end, it is possible to conclude that the external reality ends up entering the senders' delusions, making them a reflection of the historical period.

Keyword: Correspondence; Delusions; History; Bolsonaro Government; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

As relações entre história e psicanálise sempre foram conturbadas. Diversos historiadores rejeitam a psicanálise como uma disciplina auxiliar alegando não ser possível psicanalisar os mortos. Sujeitos históricos, grupos, classes e nações não poderiam ser analisados em um divã, mesmo que imaginário (GAY, 1989). É certo que tentativas de reduzir a análise histórica a um determinismo psíquico estão fadadas ao fracasso, porém, a recusa em utilizar categorias da psicanálise como auxiliares ao estudo histórico acaba por tirar a possibilidade de introduzir conceitos e conhecimentos relevantes a determinados estudos.

Na realidade, as descobertas da psicanálise vão ao encontro da paixão do historiador pela complexidade. Os sentimentos e ações das pessoas são resultado de diversas causas e podem conter variados significados. Nesse ponto, psicanalistas e historiadores, cada um de sua

¹ Doutor em História. Professor no PPGH/UPF. E-mail: felipeabal@upf.br

forma particular, são aliados contra o reducionismo e as explicações monocausais e pouco elaboradas (GAY, 1989).

Tendo em vista as perspectivas de intersecção entre a história e a psicanálise, as possibilidades e limites da renovação que o encontro entre suas estratégias pode fornecer à historiografia (DE CERTAU, 2020) é que iniciamos o presente artigo, não com o propósito de fazer a chamada psichistória, mas sim de “história informada pela psicanálise” (GAY, 1988, p. 17).

É a partir dessas constatações que podemos tratar do acervo documental que deu origem a essa pesquisa, continuação de artigos realizados anteriormente com foco em cartas enviadas a presidentes do período da ditadura militar (ABAL, 2023, 2021). O Sistema Eletrônico de Informações do Ministério da Economia (SEIME) possui digitalizadas correspondências enviadas por cidadão ao próprio ministério ou encaminhadas a ele por outros setores por entenderem ser da alçada do ministério.

As correspondências não possuem qualquer tipo de divisão e uma grande parte delas é classificada como “documentos de acesso restrito”, impedindo a visualização, portanto nos restringimos às correspondências de acesso público e mantendo todos os cuidados para não identificar os remetentes, inclusive utilizando pseudônimos, uma vez que os documentos são bastante recentes e não pretendemos constranger de qualquer maneira os remetentes.

Em uma leitura preliminar já foi possível verificar a existência de cartas em que ficava expressa a existência de um delírio por parte do remetente, entendendo-se por delírio todo tipo de compreensão falsa da realidade, englobando os delírios de perseguição e grandeza. Tendo em vista a grande quantidade de documentos foi feita uma segunda leitura e triagem daqueles que se entendeu mais relevantes.

A principal hipótese de que se partiu para a escolha dos documentos e análise deles foi de que o discurso político do governo Bolsonaro e seus apoiadores ingressaria nos delírios presentes nas correspondências enviadas tanto ao presidente quanto aos membros do seu governo. Conforme foi possível verificar nos estudos anteriores, os inimigos do governo aparecem constantemente como os perseguidores nos delírios persecutórios, bem como os opositores a serem vencidos nos delírios de grandeza. Procuramos compreender, portanto, como isso ocorre em um momento democrático, mas permeado de um discurso que podemos denominar de paranoico.

O objetivo desse artigo é, portanto, verificar de que maneira o momento histórico-político brasileiro pode ter impactado na formação do conteúdo dos delírios percebidos nas correspondências enviadas ao governo Bolsonaro utilizando o método de pesquisa documental para chegar ao objetivo. Cumpre, ainda, ressaltar que a divisão do artigo nos tipos de delírio é apenas uma forma de organização escolhida pelo autor para facilitar a estruturação do tema e que nas citações diretas dos documentos foi mantida a redação original, sem correções.

Evidentemente, não se trata de diagnosticar os remetentes, uma vez que isso seria impossível, mas sim de utilizar categorias psicanalíticas no sentido de compreender uma parte desse momento histórico, a sua relação com os indivíduos, e sua influência na fuga da realidade visível no conteúdo das cartas.

OS DELÍRIOS SEGUNDO A PSICANÁLISE

Traçar conexões entre a política e a loucura ou aqueles considerados loucos não é uma novidade. Laure Murat em “O homem que se achava Napoleão: por uma história política da loucura” (2012) lançou desafios ao estudo dos historiadores no que diz respeito à loucura e ao delírio. A obra de Murat (2012, p. 19) parte de questionamentos extremamente relevantes:

Que impacto os acontecimentos históricos têm sobre a loucura? Em que medida e sob que formas a política é matéria de delírio? Pode-se avaliar o papel de uma revolução ou de uma mudança de regime na evolução do discurso da desrazão? Que inquietações políticas e sociais os delírios trazem dentro deles?

O discurso e as práticas relativas aos loucos e à loucura, em momentos-chave da história francesa (anos de 1793, 1830 e 1848), se entrelaçam ao político nos documentos estudados pela historiadora, sendo possível afirmar que “a história não produz os sintomas da loucura, mas a loucura latente se desenvolve em função dos acidentes da história” (MURAT, 2012, p. 224). A presente pesquisa, partindo da análise de cartas enviadas a membros do governo Bolsonaro, segue na mesma linha, observando a presença de delírios no conteúdo das correspondências.

Quando tratamos dos delírios presentes nas cartas, esses podem ser divididos em duas espécies: delírio de perseguição e delírio de grandeza. O delírio de ciúme não foi constatado nas correspondências selecionadas e em apenas uma foi verificada a erotomania. As duas formas de delírio são características da paranoia, um dos componentes da psicose, ao lado da esquizofrenia e da psicose maníaco-depressiva (ROUDINESCO; PLON; 1998). Apesar de não pretendermos diagnosticar os remetentes das correspondências, como já dito, é necessária uma

breve explanação sobre a paranóia e os delírios, sendo necessário ressaltar, ainda, que os delírios não são exclusividade da psicose, uma vez que neuróticos também podem delirar.

Em seu texto “Neurose e Psicose”, de 1924, Freud diferencia ambas dizendo que “a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu e seu Isso, ao passo que a psicose é o resultado de uma perturbação semelhante nas relações entre o Eu e o mundo exterior” (FREUD, 2018a, p. 271-272). Para dar conta dessa perturbação é que o Eu cria para si um novo mundo interior e exterior, formando delírios que servem como um “remendo” onde ocorre a fissura entre o Eu e o exterior, o qual serve como uma tentativa de cura ou de reconstrução (FREUD, 2018a).

Importante ressaltar que, como Freud coloca em outro texto do mesmo ano, “A Perda de Realidade na Neurose e na Psicose”, esses delírios não necessariamente são completamente alheios a alguns traços da realidade, uma vez que a reelaboração da realidade passa por outros vínculos que haviam sido mantidos, como lembranças, representações e percepções da realidade. A psicose passa, então, a ter a tarefa de procurar novas percepções correspondentes à nova realidade, o que se faz através da alucinação (FREUD, 2018b).

Regressando para a questão da paranóia e seus delírios, Freud, em 1911, relatava que uma característica comum à paranoia era que ela se apresentava como uma defesa contra desejos homossexuais. Isso levaria a uma inversão proposicional do delirante, de uma posição ativa a uma posição passiva. No delírio de perseguição ele passaria de um *eu o amo* para *ele me odeia (persegue)*, no caso da erotomania do *eu a amo* para *ela me ama* e, no caso da megalomania, a proposição na sua totalidade é rejeitada, se tornado um *eu só amo a mim mesmo* (FREUD, 1996a).

Freud, em seus estudos, rompeu com a lógica de que o delírio seria um sintoma da psicose, entendendo-o como uma tentativa de cura ou solução, um movimento em busca da estabilização. Aquilo que é vivido como um trauma não ganha uma representação, fazendo com que o Eu rejeite uma possível representação como se ela nunca tivesse ocorrido. Esse fragmento da realidade que causa um desagrado é rejeitado e substituído por um delírio, enquanto na neurose, o que é recalçado é substituído por uma fantasia inconsciente. A diferença entre a neurose e a psicose, nesse sentido, não estaria no simples rompimento com a realidade, o que pode acontecer em ambos os casos, mas na forma com que se busca restaurá-la, através da fantasia, no caso da neurose, ou do delírio, na psicose (FREUD, 2018b).

Foi com Lacan que a teoria psicanalítica sobre a psicose teve maior desenvolvimento. Para Lacan, há a necessidade de um terceiro no processo de simbolização da mãe na relação

entre ela e a criança, um terceiro que introduz uma lei de interdição, um “não” à reintegração da criança pela mãe e, também, à criança como objeto de uso da mãe. Essa é a instância paterna como metáfora paterna, a instauração do que ele denominou de Nome-do-Pai enquanto função simbólica, cuja intervenção no Outro instaura a lei para o sujeito. Esse sujeito passa de uma posição de ser falo (da mãe) para uma posição de falta-a-ser, ingressando na dialética do ter ou não ter (LACAN, 1999).

Assim, a inserção do significante Nome-do-Pai marca a entrada do sujeito na ordem simbólica, fazendo com que se inaugure a cadeia de significantes no inconsciente. O Édipo, portanto, é o preço que se paga para o sujeito ingressar na linguagem, devendo lidar com a falta, o recalque e a castração simbólica. É nesse ponto que temos a possibilidade da psicose, uma vez que, para o psicótico, o significante Nome-do-Pai é foracluído², ficando alheio ao campo simbólico diante do fracasso da metáfora paterna. Uma vez que o Nome-do-Pai é o significante que permite o sujeito entrar no campo da linguagem e articular a cadeia de significantes, a sua não inscrição acarreta os distúrbios da linguagem e, em especial, a alucinação (QUINET, 2011).

Não tendo a referência simbólica, o psicótico funciona no registro imaginário, fazendo com que o outro seja tomado como espelho e modelo de identificação, decorrendo disso o transitivismo, projeção e rivalidade, mesclando identificação e erotização. O delírio é que vem para suprir o buraco que fica diante da foraclusão do Nome-do-Pai, ingressando como uma peça que é colada onde há uma falha na relação do sujeito como o mundo da realidade, mundo esse que é estruturado pelo simbólico (QUINET, 2011). Em suma:

O que se avista no processo de elaboração de um sistema delirante é uma tentativa de reconstrução por meio do qual o psicótico, sem o suporte da significação fálica para lidar com a estrutura da linguagem, ensaia alguma produção de sentido que o sustente psiquicamente (SANTOS; OLIVEIRA, 2012, p. 79).

Para os psicóticos, o que é rejeitado no simbólico reaparece no real. As articulações são realizadas com crescente valorização do imaginário. O inconsciente fica a céu aberto. Ainda, não se permite mobilizações ou metaforizações, as quais só poderiam existir através da inscrição do sujeito na lógica fálica.

² Foraclusão é um termo que Lacan empresta do direito francês, que significa a perda de prazo para interpor uma ação, fazendo com que o fato, apesar de ocorrido, não exista mais no plano formal diante da não realização de um ato jurídico no termo previsto. Levado para o campo da psicanálise, significa que uma operação não se inscreveu em tempo hábil (o Nome-do-Pai), fazendo com que sejam inoperantes sua função e efeitos (GUERRA, 2010).

Evidentemente a teoria psicanalítica sobre as psicoses, especialmente em Lacan, é muito mais completa e complexa. Ressaltamos para os leigos na área o seguinte, de forma resumida: enquanto na neurose (tida aqui como uma espécie de “normalidade”) existe a possibilidade de o sujeito suprir faltas ou conteúdos recalçados com metáforas, na psicose essa possibilidade não existe, fazendo com que seja utilizado o recurso do delírio como uma maneira de “tapar um furo”. Nos dizeres de Miller (2003, p. 15) os psicóticos “são obrigados a fazer esforços totalmente desmedidos para resolver problemas que, para o normal ou o neurótico, são resolvidos pelos discursos estabelecidos”.

Realizamos essa breve introdução sem o intuito de esgotar o tema, que é bastante discutido e estudado em psicanálise, mas apenas para explicar brevemente a respeito de conceitos que serão utilizados na análise das correspondências, o que passamos a fazer. Cumpre ressaltar que omitiremos sobrenomes e dados pessoais que possam identificar os remetentes e pessoas citadas, bem como que nas citações diretas manteremos a escrita conforme consta nas correspondências.

DELÍRIOS PERSECUTÓRIOS

Em 10 de dezembro de 2019 Alva enviou um e-mail ao gabinete do ministro da economia, Paulo Guedes. A mensagem enviada foi bastante sucinta, mas seu conteúdo chama a atenção. Após saudar o ministro de forma bastante formal “Excelentíssimo Senhor Douto Ministro da Economia Sr. Paulo Guede”, Alva informa seu endereço e pede a revisão do seu benefício previdenciário, uma vez que não recebia respostas do INSS e, segundo ela, a justiça negava seu direito (SEIME).

Na sequência, já aparece uma curiosidade. A remetente pede a gentileza do ministro para a liberação do benefício e informa que “eu sou muito ameaçada de morte por todos em 1992, eu fui ameaçada por bandidos E ASSIM QUE EU VIVO ATER HOJE SÓ com um salário mínimo” (SEIME). O que chama a atenção nesse ponto não é o fato de Alva se dizer ameaçada de morte, mas de colocar como essa ameaça é grande (muito ameaçada) e que essa vem de todos, não de um indivíduo em especial. Por si só tal passagem não possibilitaria inferir um delírio, mas o parágrafo seguinte, o qual transcrevemos na íntegra, é ainda mais revelador:

Eu não tenho direito pela previdência, porque eu fui e sou ameaçada de morte e o deputado pois um APARELHO DETETIVE PARTICULAR ATRAVÉS DA MENTE DE ESPIONAGEM CHIP PROGRAMADO NO MUNDO DOUTO NA MINHA CABEÇA NA MINHA MENTE, NA FOLHA DE SÃO PAULO

UNIVERSO ULAY UOU E NO PT partido dos trabalhadores um grupo milionário que renova o contrato das minha cabeça como se foce casa de aluguel atualmente eu vir com a igreja de crente na folha de Sao Paulo (SEIME).

Em artigos anteriores (ABAL, 2023; ABAL, 2021) já foi possível verificar que delírios envolvendo implantes de aparelhos eletrônicos para espionagem são comuns, porém os responsáveis por sua instalação variam conforme o momento histórico vivido e os inimigos estabelecidos em uma determinada época. No caso de Alva é possível destacar a Folha de São Paulo e o Partido dos Trabalhadores (PT).

Assim como tais delírios são usuais, em relação aos perseguidores, verifica-se que existe uma identificação entre os perseguidores da remetente e aqueles que ela percebe como inimigos do destinatário. O jornal A Folha de São Paulo é reconhecidamente visto como inimigo pelos membros do governo Bolsonaro e seus apoiadores, recebendo por eles o apelido de “Foice de São Paulo”, uma alusão à sua crença de que o periódico defenderia ideais comunistas e, logo, contrários ao presidente. O Partido dos Trabalhadores, por sua vez, é o grande rival de Bolsonaro e seguidores, causando pouca surpresa a sua inclusão entre os perseguidores de Alva.

Ao fim, a remetente volta a requerer ajuda do ministro para obter a carta de negação de seu benefício, a qual não teria sido liberada pela agência do INSS. Pode-se perceber que enquanto os parágrafos de seu e-mail referentes ao seu benefício são compreensíveis, o parágrafo citado anteriormente é bastante confuso, sendo apenas possível compreender que Alva se diz perseguida por um aparelho de espionagem em sua cabeça.

Já nesse primeiro instante, é possível perceber como o momento histórico, envolvendo tanto o discurso político quanto a realidade econômica influi no delírio construído. Enquanto a necessidade econômica da remetente é bastante fincada na realidade, fazendo-a requerer auxílio quanto ao seu benefício previdenciário, o conteúdo da perseguição foi construído com base no discurso político envolvendo os inimigos do governo que perseguem aqueles que apoiam o presidente e seus ministros. Isso vai ao encontro com o disposto por Gay:

As pessoas tornam-se neuróticas ou loucas em uma situação específica. Nunca são assaltadas por alguma neurose geral ou fobia indefinida, mas tecem seus sintomas a partir de histórias ouvidas, incidentes vistos, ansiedades sentidas, todas expressas através de um vocabulário pictórico e verbal que partilham com seus contemporâneos mais afortunados. E tanto a situação como o vocabulário são o ingresso do historiador para entrar no mundo psicanalítico (GAY, 1989, p. 110).

No dia 01 de maio de 2020, Clara, residente na cidade de São Paulo, enviou uma carta ao presidente da república, Jair Bolsonaro. Inicialmente ela se identifica, informando sua cidade de residência, nome completo e CPF e dizendo ser deficiente física, solteira e sozinha no mundo. Relata que sua situação é delicada, que exige uma intervenção urgente e que “somente o senhor pode salvar do que me aguarda” (SEIME).

A carta é escrita a mão, bem estruturada e com poucos erros gramaticais. A remetente pontua suas frases e, ao contrário da maioria das cartas enviadas que envolvem pedidos de ajuda financeira, Clara pede ajuda contra seus perseguidores. O restante das mais de cinco páginas da correspondência formula o que a remetente diz sofrer e ter sofrido.

Tudo teria iniciado em 2016 após um plebiscito, quando a remetente morava na cidade do Rio de Janeiro, quando:

Um belo dia amanheci com toda a população me olhando com ódio, me seguindo pela rua, falando palavras de baixo calão e me intimando a ir embora. E assim tem sido desde então, por todas as cidades que passei e no trajeto até elas, sem parar, sem sossego, todos os dias (SEIME).

Nesse primeiro momento, então, os perseguidores de Clara não seriam pessoas específicas, mas todas as pessoas que ela encontrava. Nesse ponto novamente clama por ajuda: “Senhor Presidente, venho aqui não lhe pedir mais lhe implorar: Salve a minha vida! Sei que o Senhor como carioca tem grande coração. E se me permite mencionar tem uma linda esposa que tanto faz por nós portadores de deficiência” (SEIME).

A remetente informa que há cerca de dois anos e meio se mudou para São Paulo e que durante o primeiro ano na cidade pensou que tudo teria ficado melhor. No entanto, passado esse período, “a polícia militar começou a me aguardar no meu trajeto até o trabalho e me mandar ir embora, usando a população para isso. Nunca levei isso a sério pois nada devia a eles” (SEIME).

Nesse momento, então, somam-se aos perseguidores indistintos a polícia militar, o que faz, segundo ela, que tal situação se torne a mais alarmante possível, passando a viver em total isolamento, uma vez que, de acordo com a remetente:

sou vigiada 24 horas pela polícia (civil, militar e outras). Sou escoltada (pela polícia) e aguardada por toda a população 24 horas por dia onde quer que eu vá. Sou xingada, ameaçada e intimada a ir embora imediatamente (hora pela polícia, hora pela população que é obrigada por eles a fazer o mesmo). O cenário é de filme de terror, de uma tragédia iminente, se o Senhor não me ajudar (SEIME).

O desamparo de Clara é evidente. Ela diz não ter como sobreviver, já que ninguém ousaria lhe dar um emprego ou ter qualquer tipo de relação com ela. A resposta aos seus pedidos é sempre não e tudo está sempre sendo acompanhado pela polícia. Esta se torna seu principal algoz, uma vez que a população parece agora apenas seguir as ordens da polícia que, além de a seguir, escoltar e ameaçar, ainda tentou por duas vezes a espancar seriamente e por duas vezes mandaram a população espancá-la. Os relatos de perseguição, ameaças e ofensas se repetem nos parágrafos seguintes, sendo adicionados mais detalhes:

Fui expulsa de quatro moradias no espaço de dois anos pois todos tem que obedecer as regras impostas pelos militares, eles mandam em absolutamente tudo. Centímetro a centímetro sou vigiada, ameaçada e intimada a ir embora tanto pelos militares como pela população. Inclusive dentro de casa (SEIME).

Conforme a carta vai se desenrolando as perseguições vão se tornando mais intensas. Agora aqueles que causam as maiores violações na vida de Clara encontram-se inclusive em sua residência e fazem-na perder sua moradia. Ao fim da correspondência a remetente faz dois pedidos ao presidente: a concessão do benefício de prestação continuada de aposentadoria, e que faça todas as pessoas pararem de persegui-la. Ainda ressalta que “se o Senhor não me salvar o meu destino é a morte iminente: pela fome ou espancamento. A minha situação é alarmante (SEIME)”. Clara ainda faz um pós-escrito, relatando um dia em que foi xingada, espancada, teve bens destruídos e foi ameaçada de morte por uma mulher, fato agravado por ter comparecido em três delegacias para registrar a ocorrência, o que não ocorreu por terem se negado e debochado de sua situação.

Podemos inferir com base no que foi escrito que o delírio de perseguição de Clara é bastante sério, fazendo, inclusive, com que ela se tornasse reclusa, retirando-se do convívio social para não sofrer agressões físicas e morais por parte de seus algozes que, em última instância, são todas as pessoas, sob o comando dos militares.

O primeiro ponto que podemos ressaltar em relação ao seu delírio é exatamente o papel dos militares. Apesar de civis e outras polícias fazerem parte da perseguição à remetente, parece ser central ao seu discurso o papel dos militares, os quais, segundo ela, “mandam em tudo”, fazendo inclusive com que pessoas que poderiam ajudar ela, como os senhores, se voltem contra. É nítido que não podemos fazer qualquer tipo de afirmação com certeza, mas não nos parece absurdo inferir que o papel dos militares na política bolsonarista tenha influência nessa

parte do delírio, uma vez que desde a campanha de Bolsonaro era dado um grande realce aos militares, tanto em seu possível governo quanto na história do Brasil.

Após a posse do presidente, o seu discurso a respeito dos militares acaba se concretizando no grande número de cargos no executivo ocupados por eles, causando uma sensação de que eles “mandam em tudo”. Logo, nada mais óbvio do que eles serem responsáveis inclusive pela perseguição de Clara, que não consegue simbolizar adequadamente o papel dessas pessoas em sua realidade psíquica.

A decorrência disso é que a única pessoa que pode salvar a remetente de seu sofrimento é o presidente, que acaba ocupando uma posição de pai onipotente (sobre o que exporemos mais posteriormente), posição essa reforçada pelo seu discurso de que ele é o único que manda nos militares. Dessa forma, Bolsonaro se transforma em seu salvador, o único detentor de poder suficiente para socorrê-la diante de seus perseguidores. Aquele que chefia os agressores pode também ser aquele que parará suas agressões.

O último caso que pretendemos expor nesse item é o de Maris. A situação que ela relata inicia por uma carta não datada, mas provavelmente redigida no mês de maio de 2020, dirigida ao presidente, em que ela pede a liberação do Benefício Emergencial e uma sindicância no INSS pois teria sofrido preconceito. Após, relata o seguinte:

[...] o próprio guarda costa da atual ministra me ameaçou e liguei no 180. Sofri discriminação, descaso, omissão de atendimento e tive todos os meus direitos constitucionais violados pela ministra de direitos humanos e diretor do seu ministério e demais funcionários. O próprio disk 180 através de seus funcionários identificaram a voz pertencente ao presidente da república a fim de intimidação. Peço que seja apurada as denúncias pelas autoridades do nosso país com a supervisão do Comitê Internacional dos Direitos Humanos (SEIME).

A situação é melhor desenvolvida em um termo de atendimento realizado na Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos datado de 31 de janeiro de 2020, anexado. Ainda, constam juntadas partes de acórdãos do Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul, termos de declarações da Defensoria Pública do mesmo Estado, prontuário médico, movimentações processuais e outros. Alguns documentos possuem ligação com as informações trazidas no termo, outras parecem completamente desconexas. Iremos nos ater, portanto, à carta inicial, na qual informa ameaça pelo guarda-costas da ministra Damares, violação de direitos pela própria ministra e seus funcionários e intimidação pelo próprio presidente da república e ao termo de atendimento referido.

O termo de atendimento contém duas páginas datilografadas com declarações da remetente da carta. É certo que para uma análise do conteúdo seria mais indicado termos exatamente as palavras da autora, porém acreditamos que o que consta no termo, somado à carta, é suficiente para o presente estudo. Passamos agora a expor o seu conteúdo. Inicialmente, Maris informa que busca ajuda para ter notícias de sua família, dois filhos, um menino de 7 anos de idade e uma menina de 13 anos, sua mãe e padrasto. Ela diz que seus filhos e sua mãe haviam sofrido torturas, abuso sexual e estupro por parte de um desembargador, cujo nome é citado, mas omitiremos, e um grupo de pessoas que participavam de uma seita que praticava ritos satânicos (SEIME).

O ponto de partida da reclamação de Maris junto à presidência da república foi, então, um pedido de auxílio para que ela encontrasse sua família. Não se tratava, porém, simplesmente de pessoas em paradeiro desconhecido, mas, com a exceção de seu padrasto, de seus filhos e mãe que sofreram abusos físicos e sexuais por parte de um desembargador. Verificamos o nome citado por Maris e trata-se de um desembargador do Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul, estado no qual ela reside. O magistrado, por sua vez, seria membro de uma seita satânica que praticaria pedofilia. Nos rituais satânicos realizados pela seita “as supracitadas vítimas eram oferecidos ao Diabo, nos fatos ocorriam estupros e abusos sexuais” (SEIME).

Maris teria obtido todas essas informações de uma funcionária do Tribunal de Justiça, que a aliciava para participar da seita. Maris teria permitido que ela acreditasse que possuía interesse para obter mais informações sobre a sua família, mas o contato telefônico entre elas foi interrompido quando pediu para falar diretamente com o desembargador. Essa interrupção teria sido realizada pelas forças armadas, que falaram na mesma ligação telefônica que eles haviam prendido os maiores abusadores e pedófilos da cidade e que agora o desembargador estava preso. A pessoa informou a ela que todos seus familiares estavam a salvo, porém, quando buscou a delegacia de proteção à criança e ao adolescente, disseram não ter informações, o mesmo acontecendo em outra delegacia e junto à superintendência da polícia federal. Ligou para o 180 (central de atendimento à mulher) buscando informações e também o disque 100 (para denúncias de violações de direitos humanos), sem êxito. Decidiu, então ir à Brasília.

Maris relata que em Brasília procurou o ministério da mulher, da família e dos direitos humanos, que a orientou a buscar a Força Nacional. Lá, após diversos desencontros, conversou com o responsável, o qual seria amigo do desembargador e que teria dito que ela

seria feia, que se depender dele, ela nunca mais iria ver sua família. Que o governo do Brasil teria sequestrado sua família que ela não teria força contra os servidores públicos, que se ela fosse para algum albergue para algum local de acolhimento seria morta por outros moradores [...] e que ela deveria ir embora, pois se ficasse na rua seria morta [...]. Que não seria bom ela ficar falando de pedofilia e que não era bom ela ficar andando nas ruas pois mulheres de Brasília não ficam a noite nas ruas, e que Jair Bolsonaro daria um tiro em seu rosto acaso ela ficasse andando pela esplanada, que se ele soubesse onde estaria sua família não diria pois já que eles ficariam 20 anos sem ver o [nome omitido, trata-se do desembargador], ela teria sido condenada a ficar nesse período sem ver sua família (SEIME).

Primeiramente, cabe relacionarmos a carta ao termo de atendimento. Podemos ver que após o termo de atendimento, segundo a remetente, ela teria sofrido violências por parte do guarda-costas da ministra e tido direitos constitucionais violados pela própria. Ela ainda afirma que os funcionários do disque 180 teriam identificado a voz do presidente lhe ameaçando. Esses fatos teriam sido posteriores ao relatado no termo.

As informações retiradas do termo de atendimento de Maris parecem ter saído de um caso ligado ao chamado “*satanic panic*” da década de 1980 nos Estados Unidos. A fagulha do pânico no país foi o livro “*Michelle Remembers*”, escrito por um psicólogo e sua paciente sobre suas memórias de abuso em rituais satânicos quando criança. As teorias de que satanistas estariam praticando pedofilia e assassinatos levou a casos como o do processo envolvendo funcionários da pré-escola McMartin, acusados de mais de 100 acusações de abuso infantil e conspiração. Relatos utilizados para a acusação envolviam sacrifício de animais, membros do culto que podiam voar e diversas agressões e abusos que não deixavam marcas (YUHAS, 2021). Situação semelhante ocorreu no Brasil na década de 1990 quando do assassinato de Evandro Ramos Caetano em Guaratuba, litoral do Paraná (MIZANZUK, 2021).

Uma seita, encabeçada por um desembargador com o suporte de policiais, que praticava pedofilia e torturas, oferecendo suas vítimas para o Diabo, seria a inimiga da remetente, que, enquanto busca esclarecimentos sobre sua família, acaba adicionando outros opositores nos mais altos escalões da polícia e do governo brasileiro. A ministra Damares teria violado seus direitos, enquanto o próprio presidente a teria ameaçado.

Novamente chama a atenção a forma como o discurso político acaba ingressando no delírio. Não temos por que duvidar que Maris tenha perdido contato com a família e esteja procurando por ela. Seu esforço é nítido. No entanto, quando se refere a seus algozes, há uma mistura entre os atos que ela diz que foram praticados por eles e o discurso político de membros do governo Bolsonaro.

A ministra Damares é conhecida por suas falas contrárias à pedofilia, dando declarações envolvendo estupro de bebês e crianças recém-nascidas, e em relação ao poder do demônio em obras cinematográficas voltadas para o público infantil, como o caso do filme “Frozen”, que incentivaria as meninas a serem lésbicas e dizendo que “o cão [diabo] é muito bem articulado e nós estamos alienados” (SOARES, 2019). Dessa forma, a ministra poderia parecer para Maris a pessoa adequada para ajudá-la em sua cruzada contra uma seita satânica, mas, no momento em que não obtém o retorno esperado, acaba por se tornar também uma opositora.

O mesmo ocorre em relação a Bolsonaro. Com todas suas referências na mídia e redes sociais a tiros, fuzilamentos e armas de fogo, não espanta que para a remetente isso tenha ingressado em seu delírio como uma ameaça e que ele “daria um tiro em seu rosto acaso ela ficasse andando pela esplanada” e que posteriormente aparecesse como alguém que faria uma ligação telefônica para a intimidar.

O curioso, porém, é que Maris continua se endereçando aos canais oficiais, mesmo sendo perseguida e maltratada por membros do governo e das polícias. Seu poder seria tamanho que, de opositores, poderiam tornar-se aliados? Desconhecemos outros pedidos de ajuda por parte dela, mas existe um paradoxo em sua carta enviada à presidência da república, ela pede auxílio para a própria pessoa que a intimidou. Esse paradoxo não é atípico em casos similares. O inconsciente do psicótico encontra-se “a céu aberto” e neste não há espaço para contradições, as ideias, por mais paradoxal que sejam, coexistem.

Ressaltamos, ainda, que em todas as cartas estudadas nesse ponto, é possível verificar que existe um tanto de delírio de grandiosidade na perseguição, afinal, o remetente sempre tão importante que pessoas das mais diversas origens se preocupam em persegui-lo.

DELÍRIOS DE GRANDEZA

Das correspondências selecionadas em que foi possível verificar a presença de algum tipo de delírio de grandeza, todas elas envolvem a questão econômica do país. Primeiramente, isso se deve ao fato de tratarmos de cartas e e-mails que foram encaminhados ao ministério da economia. Em segundo lugar, a situação econômica do Brasil nos anos em que foram remetidas, 2020 e 2021, encontrava-se em situação calamitosa, com entre 12,6% e 14,4% de desempregados e inflação superior a 10% no segundo ano referido, reflexo das políticas econômicas equivocadas e da pandemia de Covid-19. A crise econômica também afetou os

remetentes que, além de possuírem alguma saída para os problemas existentes, não deixaram de pedir ajuda para sua situação.

Outro ponto a ser ressaltado, antes de passarmos à análise do conteúdo das mensagens, é que nenhuma das cartas foi enviada ao presidente Bolsonaro. Ao contrário de outros presidentes, Bolsonaro sempre deixou claro que sabia pouco a respeito de economia, passando a responsabilidade a outros membros do governo, seja Onyx Lorenzoni, que ocupou mais de um cargo no governo, mas principalmente Paulo Guedes, ministro da economia que surgiu como um salvador, o “posto Ipiranga”, aquele que teria todas as respostas. Logo, parece-nos claro o porquê do endereçamento.

Em 10 de março de 2020 Guilherme enviou um e-mail ao gabinete do ministro da economia, Paulo Guedes. Antes mesmo de se dirigir ao ministro, o remetente esclarece o motivo do e-mail: “preciso lhe entregar um projeto na área da economia, inspirado pelo Espírito Santo de Deus, Altíssimo SENHOR Jesus Cristo” (SEIME).

O remetente passa, então, a expor sua situação pessoal e familiar, assim como as dificuldades pelas quais passa. Revela que “a 10 anos, Deus me disse que colocaria um projeto em minhas mãos e no tempo certo, me colocaria diante dos homens grandes da terra” (SEIME).

Ele seria, portanto, o portador de uma mensagem divina, enquanto Paulo Guedes, um dos homens grandes da terra. O papel de ambos é esclarecido na sequência: “Assim como Deus fez com José do Egito, filho de Jacó (Israel) que o colocou numa prisão e lá, lhe deu um DOM para que pudesse entregar ao rei do Egito, também assim Deus o fez comigo e, me deu um DOM para entregar ao ‘rei’ do Brasil” (SEIME).

Guilherme, logo, não seria um tipo qualquer de cidadão remetendo ideias, mas portador de um documento divino que deveria ser entregue a Paulo Guedes, homem grande, ‘rei’ do Brasil. O projeto, por sua vez, vindo de deus, ia ao encontro dos anseios do ministro:

Trata-se de um projeto na área da MACROECONOMIA, capaz de mudar a situação do país a curto prazo, valorizando o ser humano, desonerando tributos e preservando a natureza.

Um projeto que diminui substancialmente as desigualdades sociais, onde os ricos e empresários não terão que pagar nada por isso (SEIME, grifamos).

Os grifos demonstram as partes em que o autor ressalta que o plano divino e aquele de Guedes são similares. Os problemas econômicos do país poderiam ser resolvidos a curto prazo, diminuindo tributos e mantendo a salvo os ricos e empresários. Mesmo dentro de um delírio, um núcleo de congruência com a realidade se mantém. Deus também aparenta ser um liberal.

Guilherme finaliza sua mensagem com uma passagem bíblica referente a José e o faraó (Gênesis 41:14-16) e arremata “Senhor MINISTRO; aguardo seu chamado para lhe entregar o que não está em mim, mas que vem do **Espírito Santo de Deus**” (SEIME, grifo no original).

Em 13 de março, Guilherme envia novo e-mail, aparentemente respondendo a mensagem recebida da equipe do ministério. O remetente diz entender que o ministro está ocupado, mas insiste na necessidade de encaminhar a ele “o meu pedido de atenção para apresentar o projeto que me foi incumbido por DEUS, de colocar nas mãos dele” (SEIME). Talvez temeroso de não receber atenção em virtude de não ter especificado detalhes sobre o plano macroeconômico divino, Guilherme dessa vez acrescenta os valores que retornariam aos cofres públicos:

O que posso adiantar é que esse projeto nas mãos do ministro terá o valor de 5 trilhões de reais aos cofres públicos. Eu disse certo!, não se assuste; **CINCO TRILHÕES DE REAIS AOS COFRES PÚBLICOS!** E as consequências dele, terá um valor AINDA MUITO MAIOR de retorno a população. Estanca a sangria do mercado FINANCEIRO instantaneamente! **O ministro é o ourives** desse tesouro que Deus colocou em minhas mãos e, esse é o momento de trabalhar nisso.

Preciso de apenas 15 minutos para colocar esse projeto tão somente nas mãos do ministro. **Deus SÓ ME DEU AUTORIZAÇÃO PARA REVELAR AO MINISTRO E OU PARA O PRESIDENTE DA REPUBLICA!** Como simples cidadão, lhe peço ajuda para alcançar o acesso **as maiores autoridades do nosso país** (SEIME, grifos no original).

O valor de cinco trilhões de reais estaria à disposição assim que o projeto fosse colocado em prática. Essa informação foi repetida em novo e-mail de 10 de junho, já que Guilherme não deve ter recebido resposta do ministro. Os detalhes do plano, porém, só poderiam ser dados ao ministro ou presidente, provavelmente as duas pessoas que, para o remetente, estariam acima dele e capazes de praticar os atos necessários. Mesmo aquele escolhido por deus para ser seu mensageiro necessitava de auxílio terreno. O imaginário da época ingressa no delírio, mesmo sendo o escolhido, Guilherme necessitava dos detentores do poder, o ministro da economia e o presidente, reis, grandes homens.

Em 26 de agosto de 2021 foi protocolada uma carta de 22 páginas digitadas endereçada ao Ministro Onyx Lorenzoni e à deputada Carla Zambelli. O remetente, Silva, inicialmente explica o motivo por ter enviado a carta a eles: “Mesmo exercendo encargos diferentes é bem visto um notável dinamismo sobre as funções confiadas. Eu os tenho como brasileiros bem paridos” (SEIME). Ele estava enviando suas ideias, desenvolvidas “por esse brasileiro bem parido – bom de papo e de cuca” (SEIME). Tais ideias seriam tão relevantes que diz o remetente

que “até os aconselharia para que não morram ou saiam da vida pública, sem que antes, a mim seja me dada a oportunidade de pessoalmente contar-lhes que partiu do meu raciocínio a sugestão que serviu de base para o Plano Real” (SEIME).

A importância de Silva e suas ideias seria tamanha que, aparentemente, caso tivessem a escolha de não morrerem, os destinatários deveriam o fazer, para não perder a oportunidade que surgiria. Silva informa, então, que seria o verdadeiro criador do Plano Real, o que o permitia afirmar que “Partiu do meu raciocínio o salvamento da nação brasileira. Graças a meu raciocínio eu salvei o destino de todos os brasileiros. Salvei também a reputação de todos os políticos da época” (SEIME). O remetente não cansa, inicialmente, de ressaltar a sua relevância, seu papel de salvador, não somente de todas as pessoas como também dos políticos, o que poderia chamar a atenção dos destinatários da carta.

O grande problema relatado por Silva, porém, é a falta de reconhecimento. Itamar Franco havia sido ingrato com sua pessoa e Fernando Henrique Cardoso aproveitou sua ideia para “se fazer presidente socialista” (SEIME), sem também lhe dar os louros pelo seu plano. A imprensa, da mesma forma, só ovacionava FHC e, quando procuradas por Silva, não lhe dava atenção, já que estavam “presas na clausura vermelha” (SEIME). Já de início podemos denotar como a retórica do governo ingressa no escrito pelo remetente. FHC era um presidente socialista e a imprensa o apoiava por compartilhar de seu pensamento “vermelho”. Os significantes do discurso bolsonarista continuarão a aparecer no decorrer de sua carta.

Na sequência, Silva explica a sua ideia que inspirou o Plano Real. Tratava-se da Moeda Amazonas, “uma moeda planetária e polivalente para o Cone Sul” (SEIME). Ele explica o funcionamento da sua moeda, fazendo ligações entre ela e como foi efetivado o plano real. Após isso, vem um pedido por parte de Silva. Ele não estava aposentado e necessitava de auxílio, o que lhe seria devido uma vez que havia prestado um serviço gigantesco para o país. Em suas palavras “eu desenvolvi a ideia sobre dinheiros e não os tenho” (SEIME).

Rapidamente, porém, ele volta a falar de seu plano e reclama não ter recebido resposta do vice-presidente, Hamilton Morão, questionando “Será que entre os assessores do General Mourão há algum comunista? Até poço ao Ministro e a Deputada que não criem conflito com o General Mourão. Deixe ele com suas narrativas” (SEIME). Silva continua utilizando da retórica bolsonarista para criar motivos pelo não reconhecimento de sua genialidade. Se a carta não havia sido respondida pelo vice-presidente, isso poderia ser em virtude de um assessor comunista. Caso não fosse, ele que ficasse com suas narrativas, palavra que se tornou um lugar

comum entre apoiadores do governo para se referir ao que para eles seriam meias verdades, opiniões, discursos vazios. Se o ministro e a deputada, porém, dessem a ele a oportunidade de apresentar seu plano, “uma nova janela abrirá, dando-lhes uma nova visão de futuro. Nessa visão de futuro, a filosofia vermelha ficará para traz como sua própria história” (SEIME). Na realidade, porém, a oportunidade não seria de Silva, mas dos destinatários “Dêem a te mesmos a oportunidade de conhecer uma ideia jamais imaginada, se não por mim. Ficarei aguardando pelo convite determinando o dia e hora de nosso encontro” (SEIME).

Após isso Silva ainda escreve diversas observações, sendo que apenas as duas primeiras nos interessam. A primeira se referia a um encontro com Cristovam Buarque em 1993, durante o qual teria entregado o seu plano. O político havia prometido entrar em contato, mas não o fez, mas o remetente descobriu posteriormente o motivo: “Só depois compreende o silêncio, pois o mesmo era socialista” (SEIME). A segunda observação era a comprovação de que o seu plano era a base do plano real:

No verso da cédula de Cinquenta Reais há duas figuras de onça pintada. Embaixo das palavras: BANCO CENTRAL DO BRASIL há figura de uma onça pintada trepada sobre um tronco de árvore. Ao lado direito da cédula há outra onça menor. Acima da cabeça da onça menor há um gráfico lembrando a confluência de dois se juntando em um só. Daí lembrar o Rio Negro e Solimões se juntando para a formação do Rio Amazonas. [...] A turma da Casa da Moeda da época, não podendo colocar um cifrão no Manaus (MNSS) colocaram o gráfico no verso da cédula, que jamais os brasileiros saberiam decifrar. Os estilista da Casa da Moeda, ao estampar o gráfico lembrando o encontro os dos rios se juntando para a formação do Rio Amazonas, levaram-me a crer que sabiam sobre a Moeda Amazônia (SEIME).

Silva havia, portanto, descoberto uma mensagem escondida que seria a prova de que sua ideia levava ao plano real. Enquanto Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso eram ingratos em relação à sua participação, os estilistas da casa da moeda fizeram um elaborado desenho para demonstrar que a moeda Amazônia era a base para o real. As ligações absurdas feitas por Silva corroboram com a inferência da presença de um delírio. Alguns traços presentes na nota de cinquenta reais eram suficientes para comprovar seu discurso, seu papel de salvador de todos, sua grandiosidade até agora não levada ao conhecimento dos brasileiros. Ele poderia novamente desenvolver o papel de salvador, desde que recebesse, mais do que dinheiro, aquilo que lhe parece tão caro: reconhecimento.

Ainda, há uma pitada de paranoia no delírio de Silva. O único motivo concebível para que o reconhecimento devido não tivesse sido dado, ainda, era a torpeza dos socialistas e comunistas. Fernando Henrique Cardoso, a imprensa, Cristovam Buarque e assessores do vice-

presidente que não permitiam que sua participação central na salvação do país permanecesse desconhecida do grande público.

A carta de Mário, enviada em junho de 2020 ao presidente Jair Bolsonaro, parece, à primeira vista, uma missiva enviada por um homem religioso como tantos que prometem curas milagrosas. No entanto, alguns pontos em seu conteúdo chamaram a atenção, parecendo-nos extrapolar a simples crença. A carta foi encaminhada ao ministério da economia em virtude de seu pedido para que fosse deferido seu pedido de aposentadoria por idade, porém ele havia aproveitado para mandar outras sugestões em anexos.

Mário se identificou como mensageiro de Deus Supremo e astrólogo, escritor espírita, vidente e curandeiro, principal figura de um templo, a casa de Deus Supremo, “Jeová Espírito Santo – Homossexual” (SEIME), referência que por si é curiosa. O primeiro anexo é uma revelação datada de 01 de junho de 2020, em que o remetente diz ser necessário “Constituir o Quarto Poder O Religioso Único Unificado Ministério Social. Constituir o Vigésimo Estado Brasileiro de Alphaville Independente. Constituir o Calendário Único Permanente Brasileiro e o Relógio 30h” (SEIME), além de outras sugestões relativas às eleições, aposentadorias e impostos.

As ideias citadas foram, segundo Mário, criações suas advindas de revelações divinas, chegando a enviar o modelo do seu calendário de 13 meses compostos de 28 dias e 4 semanas, muito semelhante ao Calendário Fixo internacional desenvolvido por Moses Costworth em 1902. Novamente ele cita o relógio de 30 horas, sem citar detalhes.

O segundo anexo, que aparenta ser uma cópia de carta enviada ao governador do Paraná, Ratinho Júnior, demonstra mais dos poderes do remetente. Dessa vez, a revelação diz que “Eu posso fazer chove dias e noites em Municípios ou Estados Brasileiros Existe um custo financeiro ao seu Estado de Cinquenta Milhões de Reais O qual devera ser depositado em meu nome” (SEIME). As revelações dadas a Mário não se restringiam ao modo de estruturar o governo e outras questões práticas. Por um alto valor, ele poderia fazer chover. A certeza dele em relação ao seu poder pode ser vista na sequência: “Este valor devera ficar vinculado Em conta ate que eu concluo o que proponho a fazer caso contrário retorna a seu legitimo dono de direito” (SEIME).

O terceiro anexo trata-se de uma carta também enviada ao presidente Bolsonaro em maio de 2020. Essa revelação possuía dois títulos, sendo o primeiro “Primeira Guerra Biológica Mundial Comandada Pelos Chineses Contra Idosos e Velhos Parasitas”. Segundo o remetente,

o Covid-19 teria sido criado em laboratório pelos chineses em 1919 para matar idosos. Ainda, existiria o “Corona vírus 20”, nome que seria derivado pelo fato dele ser o transporte dos vírus ao mundo em 2020, o “Carona vírus”. Após colocar quais os efeitos do vírus, que não tem remédio, apenas “duas semana repouso absoluto tomando sopa de legumes com carne”, Mário enumera a relação de doenças que os chineses criaram em laboratório por ser rentável financeiramente: “Em 1957/1958 H2N2 – Em 1969/1969 H3N2 – Em 1997/2004 H5N1 – Em 2003 SAR5 China – Em 2006 Gripe Aviária – Em 2010 Gripe Suína – Em 2013 A Peste Suína – Em 2019 Covid 19 – Em 2020 Corona (Carona) vírus” (SEIME), alertando ainda que os Estados Unidos possuíam seu próprio vírus, o Quimera, que “ao ser inalada o indivíduo em uma hora fica só pele e osso” (SEIME).

A segunda parte da revelação foi chamada de “Doenças Criadas pelo Homem – Tudo se Cria de Alguma Forma”. Nesse momento Mário detalha como surgiram algumas doenças no planeta. Segundo ele, o câncer viria da desobediência do homem para com Deus, já que não deveria ter relações sexuais com os próprios filhos. Quando isso aconteceu “nasceu o primeiro pecado carnal o surgiu o primeiro negro na terra Edson Arantes do Nascimento em sua sexta reencarnação Pelé pele negra” (SEIME). O câncer também teria surgido dos canibais, segundo ele: “Câncer, a doença na Carne Muda o r e acrescenta o c” (SEIME). Ainda, segundo ele, “AIDS a doença do homem negro na África a ter relações sexuais com a macaca”. A dengue viria de um pernilongo e não de um mosquito e a única solução também seria repouso tomando sopa com legumes e carne vermelha.

Reiterando o que foi afirmado anteriormente, parece-nos que as cartas de Mário ultrapassam uma crença religiosa para demonstrar um delírio de grandeza. O remetente teria uma solução para a estrutura governamental, a previdência e o sistema tributário nacional, sendo o criador de um novo calendário e relógio, apesar de necessitar de ajuda para poder se aposentar. Sabia as origens das doenças, revelações que chegavam a ele como mensageiro de deus.

Como já ficou nítido nas demais cartas, o delírio de Mário é permeado pela cultura e pelo discurso corrente. A crise econômica, a falta de dinheiro e a negativa de uma aposentadoria certamente atingiam sua realidade, fazendo com que ele as incorporasse ao seu delírio de ter as soluções para os problemas do país, reveladas por deus.

A origem das doenças, por sua vez, possui forte carga de racismo e teorias da conspiração. Não somente o Covid-19, mas outros vírus poderiam ser chamados de “vírus

chineses”, como membros do governo Bolsonaro e apoiadores chamaram por muito tempo, seguindo o exemplo de Donald Trump. Esses vírus, feitos em laboratório, tinham o objetivo de matar e fazer com que os chineses lucrassem. O racismo contra a população negra é chocante, ligando Pelé e, aparentemente, a própria origem dos negros com incesto entre pais e filhos, e o surgimento da AIDS com a bestialidade. Por mais que seja possível apenas fazermos inferências, pode-se afirmar que também nesse caso a realidade atravessa o delírio, refletindo as relações de poder, a violência e o preconceito.

O PRESIDENTE E O PAI

Mais uma vez cumpre ressaltar que não pretendemos com esse artigo diagnosticar qualquer um dos remetentes, uma vez que isso foge do escopo dessa pesquisa e sequer seria possível. No entanto, acreditamos que qualquer pessoa com conhecimentos de psicanálise reconhecerá, ao menos em alguns casos, indícios de uma estrutura psicótica. Indicar que um indivíduo possui uma determinada estrutura não significa patologizar a sua pessoa ou comportamento, mas simplesmente compreender que se trata de uma forma de entender e lidar consigo mesmo e com a realidade externa.

Os delírios descritos pegam emprestado elementos que podem ser encontrados na realidade, sempre tomados pelo seu significado literal, uma vez que, para o psicótico, as palavras são reais. Isso torna possível colocarmos uma situação que aparenta emergir em várias das cartas analisadas. O endereçamento delas para o presidente parece evocar uma figura paterna a quem deve ser pedido ajuda, reconhecimento ou autorização. Quando não endereçadas diretamente ao presidente, o são para as pessoas indicadas por ele, as quais poderão posteriormente passar a ele as informações, sendo possível, também, que sejam vistos como figuras paternas. Esse “pai da nação” ou “pai dos brasileiros” para o psicótico é um pai real, ou melhor, um pai do registro imaginário, digno de ser exaltado e amado, mas também poderoso e merecedor de respeito e medo.

É claro que aqui não se trata de uma massa como as descritas por Freud em “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1996b), porém, acreditamos ser inevitável colocar o presidente em uma posição de liderança, portanto comparável com o líder das massas e estabelecer a ligação entre a figura do líder e a do pai. Assim como, de acordo Freud, o general é o pai para todos os seus soldados, aqui o capitão (presidente) é encarado pelos remetentes como um pai, a quem eles dispensam uma grande autoridade e poder, possuindo as qualidades

necessárias, seja para livrá-los de seus perseguidores, no caso dos delírios de perseguição, seja para reconhecer a sua grandiosidade nos delírios de grandeza.

Atribuir a um presidente a posição de pai pode ser algo corriqueiro, não específico a esse momento. Vem à mente, por exemplo, o fato de Getúlio Vargas ter ficado conhecido como o “pai dos pobres” em virtude de suas atitudes populistas e, claro, de ações de propaganda. No mesmo sentido, é comum referir-se a um político que beneficiou alguém, direta ou indiretamente, como “um pai para nós”. Bolsonaro é um militar da reserva e, para além da ideia de um pai bondoso, ele possui de forma mais clara a posição de um pai repressivo e onipotente. No momento, podemos inferir que, diante dos delírios analisados, a figura de Bolsonaro estava na posição paterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo partiu da hipótese verificada em dois artigos anteriores em que foram analisadas correspondências enviadas a presidentes durante a ditadura militar brasileira, de que a política e os discursos políticos presentes na cultura influenciaram na construção de delírios presentes nas narrativas constantes nas correspondências. Nesse momento foi possível analisar cartas e e-mails enviados ao presidente do Brasil e membros de seu governo em um período democrático, o que poderia gerar modificações. No entanto, ao analisarmos as cartas, pudemos constatar mais uma vez a veracidade da suposição de Freud de que a construção do delírio leva em conta os fatores externos.

Ainda, foi possível vislumbrar que os remetentes, em sua maioria, viam no presidente uma figura paterna construída de maneira imaginária, um pai poderoso, benevolente, onipotente e rigoroso, capaz de ajudá-los em relação aos seus perseguidores ou dar reconhecimento às suas capacidades sobre-humanas e/ou especiais. A diferença que pode ser percebida em relação aos estudos anteriores foi que alguns remetentes, tendo em vista que o próprio presidente sempre deixou claro desconhecer das questões econômicas, acabaram por direcionar suas demandas a outros membros do governo, aqueles indicados pelo presidente como mais capazes para tais assuntos, mas sem deixá-lo completamente de lado.

O momento econômico e político de quando as correspondências foram enviadas influenciaram fortemente o seu conteúdo, passando pela crise e as dificuldades econômicas pelas quais passavam, mas, especialmente, tomando para si os significantes que circundavam o imaginário social, principalmente entre os apoiadores do governo Bolsonaro, fazendo com que

aparecessem entre seus opositores os mesmos inimigos do governo (vermelhos, socialistas, o PT, Folha de São Paulo, militares etc.), além da escolha de seu destinatário, a pessoa que poderia ser seu salvador ou apoiador (presidente, ministro da economia ou ministro do trabalho e previdência).

É possível afirmar, ainda, que existe uma razão na desrazão, já que os elementos constantes nas cartas possuem uma correspondência na realidade, tomada sem qualquer filtro ou metaforização, erigindo o delírio à realidade pessoal do remetente.

Essa pesquisa, tomada conjuntamente com as anteriores, abre portas para a análise de correspondências enviadas a outros presidentes do período democrático, o que nos permitiria verificar similitudes e diferenças no tratamento e na posição dada a quem ocupa o mais alto cargo do poder executivo em momentos políticos diferentes.

Podemos finalizar da mesma forma com que Freud fez no seu estudo do caso Schreber: “Compete ao futuro dizer se existe mais delírio na minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar” (FREUD, 1996a, p. 85). Após este estudo com bases históricas e psicanalíticas, seria justo afirmar que há mais verdade no delírio.

REFERÊNCIAS

ABAL, F. C. Excêntricos e obscuros: delírio e política em cartas a Figueiredo. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 20, n. 2, p. 499–526, 19 dez. 2023.

ABAL, F. C. Cartas ao general: delírio e política em correspondências ao presidente Geisel. **Acervo**, v. 34, n. 2, p. 1–19, 30 abr. 2021.

DE CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas** v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas** v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GUERRA, Andréa M.C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MILLER, Jacques-Allain. A Invenção Psicótica. **Opção Lacaniana**, n. 36, maio de 2003.

MIZANZUK, Ivan. **O caso Evandro**: sete acusados, duas polícias, o corpo e uma trama diabólica. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2021.

MURAT, Laure. **O homem que se achava Napoleão**: por uma história política da loucura. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

QUINET, Antonio. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Tania Coelho dos; OLIVEIRA, Flávia Lana Garcia de. Teoria e Clínica Psicanalítica da Psicose em Freud e Lacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 73-82, jan./mar. 2012.

SEIME. Serviço Eletrônico de Informações do Ministério da Economia. Brasília. Disponível em: sei.economia.gov.br. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOARES, Ingrid. Damares afirma que princesa Elsa do filme Frozen é lésbica. **Correio Braziliense**. 12 maio 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/12/interna_politica,754537/damares-afirma-que-princesa-elsa-do-filme-frozen-e-lesbica.shtml. Acesso em: 28 dez. 2021.

YUHAS, Alan. It's time to revisit the Satanic Panic. **New York Times**. 31 mar. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/03/31/us/satanic-panic.html>. Acesso em 22 dez. 2021.